

## O DIA QUE CONQUISTEI MINHA ANALISTA

*Abrão Slavutzky*<sup>1</sup>

### THE DAY I CONQUERED MY ANALYST

**Resumo:** O humor é erótico, pois abre portas, corações e pernas. Quantos utilizam seu humor para abrir o outro através de uma piada ou dito espirituoso. O sorriso é uma forma de abrir-se graças ao relaxamento corporal e ao prazer produzido. O humor é a capacidade de se criar uma ótica simbólica que faz o sujeito rir de si mesmo, ou de outro, gerando prazer ali onde poderia produzir-se dor. Por isso, ele é um alívio da dor e facilitador do erotismo, atenuando as dificuldades e sofrimentos cotidianos. O humor resgata a alegria da vida, característica das crianças que sempre buscam jogar, fantasiar vivendo com emoção. À medida que todos crescemos e nos tornamos adultos, uma boa parte da capacidade de imaginação, o motor do erotismo, fica diminuída, pois onde se perde a liberdade de criar, cresce o tédio. Para gozar a vida é preciso ter senso de humor, sendo necessário desativar a força da pulsão da morte e assim ser menos masoquista. O sofrimento valoriza muito a dor e procura ser amado como uma criança desvalida em busca de alguém que faça justiça ao seu heroísmo doloroso. O desafio não é queixar-se, pois isso todos fazem, o difícil é ter alegria apesar das frustrações.

**Palavras-chave:** Humor; erotismo; psicanálise.

**Abstract:** The humor is erotic, since it opens doors, hearts and legs. Many women and men use their good humor to open the other's heart through a joke or a spiritual saying. The smile is already a form of opening due to the

---

<sup>1</sup> Psicanalista, Médico-psiquiatra formado pela Fundação Católica de Medicina do RS e especialização em Psiquiatria pela Policlínica Lanus (Buenos Aires). Integra o Conselho do Instituto Estadual do Livro do Rio Grande do Sul. e-mail: [slavutzky@terra.com.br](mailto:slavutzky@terra.com.br)

body relaxing and pleasure produced. The humor is the capacity of creation of a symbolic optic that makes one to laugh of himself, or of the other, generating pleasure where pain could be produced. That is why it is a pain relief and a facilitator of the erotism since it relieves the difficulties and daily suffering. The humor rescues the joy of life, which is a child characteristic that always try to play, to fancy and to live with emotion. When we all grow and become adults, a good part of our imagination capacity, the motor of erotism, decreases. Since we loose the freedom of creation boredom grows. To enjoy life we need to have sense of humor, being necessary to put off the strength of the dead pulsion, and therefore to be less mazoquist. The sufferer values very much the pain and its painful heroism. The challenge is not to complain since this everyone makes in their lives, the difficult is to have joy in spite of frustrations.

**Keywords:** Humour; erotism; psychoanalysis

198

Durante a análise que fiz em Buenos Aires, vivi um momento sobre o qual pela primeira vez decido escrever, e que foi o início de uma mudança. Minha analista, Fanny Barenblit, que sempre foi tolerante e competente, nunca havia rido, o que era comum na Buenos Aires dos anos setenta. Um dia contei-lhe a seguinte história: num congresso mundial de psiquiatria em Caracas, havia alguns milhares de colegas, e dois psiquiatras americanos prepararam uma investigação sobre a sexualidade humana. Demonstraram que quanto mais freqüente era o sexo, mais felizes as pessoas eram. Ao final da apresentação, foram muito aplaudidos e decidiram lançar um desafio. Pediram para que levantassem a mão os que faziam sexo todos os dias. Uns poucos e risonhos levantaram; depois vieram os que diziam ter uma relação sexual por semana, em seguida os poucos que tinham uma vez por mês levantaram-se envergonhados. Felizes com a participação do grupo expectador, os apresentadores pediram, para concluir, que levantasse a mão quem tinha uma só relação por ano. E um velhinho, fumando cachimbo, calmo, ergueu a mão de forma serena. Todos ficaram boquiabertos e perguntaram ao velho psiquiatra se ele poderia explicar como um homem que mantinha uma só relação sexual por ano podia estar tão feliz e calmo. Ele só disse: *És hoy, és hoy, és hoy!*

Quando terminei de contar tal história, a psicanalista disse que eu imaginava que ela só tinha uma relação sexual por ano. Interpretou meio rindo, enquanto eu dei uma gargalhada; ela concluiu que eu entendia seu sorriso

como uma forma de havê-la penetrado. Aí sim, fiquei ainda mais feliz: esclareço que ela era bonita, olhos verdes, cabelo meio loiro, enfim, uma bela mulher. Após anos de análise, num clima de muita seriedade, abriu-se finalmente um espaço para o humor, e lembro deste momento com alegria. O humor me fez sentir potente!

O erotismo nasceu de uma sexualidade envergonhada. Assim está descrito na Bíblia quando Eva e Adão comeram da árvore do conhecimento e se sentiram nus. Taparam seus sexos e então nascia o erotismo nos seres humanos, pois o homem surge da proibição do incesto, do trabalho e da consciência da morte. O erotismo é uma metáfora da sexualidade animal, um ritual e uma poética corporal. O que o move é a imaginação que precisa da liberdade de criação, de invenção, de humor.

Assim, o humor é erótico, pois abre portas, corações e pernas. Quantas mulheres e homens utilizam seu bom humor para seduzir o outro uma vez que produzir um sorriso já é uma forma de abrir um corpo. Jacques Le Goff (2000) em um ensaio sobre o riso na Idade Média, destaca sua surpresa por Freud haver deixado de lado a questão de como o humor é manifestado no corpo através do sorriso ou do riso. Uma piada ou um dito espirituoso produz um relaxamento corporal, um prazer que alivia e descontraí, daí ser uma porta de entrada no outro..

O humor é a capacidade de se criar uma ótica simbólica que faz o sujeito rir de si mesmo, ou de outro, gerando prazer ali onde poderia produzir-se dor. Por isso ele é um alívio da dor e facilitador do erotismo, já que por aliviar as dificuldades e sofrimentos cotidianos, torna-se um tempero que abre portas. O humor resgata a alegria e o sorriso da vida tão característica das crianças que sempre buscam jogar, fantasiar e viver o cotidiano com emoção e entusiasmo. À medida que todos crescemos e nos tornamos adultos, uma boa parte da capacidade de imaginação, o motor do erotismo, fica diminuída, pois perdemos a liberdade de criar e cresce o tédio. E quando o tédio, uma forma de depressão, domina a vida adulta, o erotismo fica quase anulado.

Para gozar a vida é necessário ter senso de humor e para isso é preciso que a força da pulsão da morte seja desativada, para diminuir o masoquismo. O sofrimento valoriza muito a dor e busca ser amado como uma criança desvalida em busca de alguém que faça justiça ao seu heroísmo doloroso. O desafio não é queixar-se, pois isso todos fazem nas suas vidas, o difícil é se ter alegria apesar das frustrações.

O humor nos faz mais leves, e a leveza é indispensável para voar, imaginar e desenvolver o erotismo. Quando alguém vive de forma neurótica, sua vida é pesada e dominada pelo sofrimento. Desenvolver, portanto, a capacidade de humor é a mais importante transformação do narcisismo. As outras transformações como a empatia, a finitude e a sabedoria são secundárias na medida em que o bem humorado aceita e goza da morte, e sua sabedoria e sua empatia já fazem parte do seu bom humor. Talvez esteja idealizando o bom humor, e certamente o estou, mas sigo a máxima de Freud que, aos setenta e um anos, escreveu: “O humor é um dom precioso e raro”. Já Lacan, aos setenta e três, disse numa entrevista em Roma no ano de 1974 que a psicanálise só se salva como palhaçada. Enfatizo as idades pois um e outro aprenderam ao longo de suas clínicas e de suas vidas o que é indispensável para se viver bem.

A infelicidade é a companheira fiel do homem já que pode alcançá-lo através do seu corpo que se deteriora, do mundo externo que pode ser fonte de violências e do relacionamento com os demais. O humor seria uma das formas de burlar as exigências não só do mundo externo, mas do interno também, ao não levar nada muito a sério, nem mesmo a morte. O bem humorado é sagaz, relativiza a dor, descobre facetas originais nos acontecimentos, se conecta pelas tangentes com o miolo das coisas e as atravessa por suas diagonais, descobrindo assim o intangível. O humor é uma forma lúdica de reza, pois é preciso muita fé e irreverência ao mesmo tempo para desfrutar da vida e manter seu erotismo criativo com os demais.

Viver a vida sem levar tudo muito a sério é um alívio e uma defesa contra o sofrimento neurótico. Se a dor da existência é inevitável, fica mais perto da sabedoria quem sabe sorrir entre lágrimas. Quando os castelos se desfazem, é possível brincar como as crianças com seus castelos de areia: quando estes são invadidos pela água do mar, uns choram os castelos destruídos enquanto outros recomeçam a brincadeira com o que sobrou, aceitando o irremediável. Como todo jogo, o humor é um jogo que humaniza o saber: o músico joga com sons, o pintor com tintas, o escultor com madeira, bronze, pedra, o poeta joga com palavras, mitos, imagens, o pensador com conceitos, o humorista com o outro lado e assim surpreende. O grandioso do humor reside no triunfo narcisista sobre as circunstâncias, e o Analista de Bagé do Luis Fernando Veríssimo é um exemplo, pois com um “joelho” resolvia qualquer neurose. Ele aumenta a liberdade, pois não fica preso a um lado só da questão. O Super eu, a instância do dever, da regra, da culpa fica diferente no humor, isto é, torna-se tolerante e brinca com o eu assustado. Uma história relatada por Otto Maria Carpeaux

numa viagem que fez a Praga na década de trinta para conhecer a cidade de Kafka, ilustra esta afirmação. Um judeu diz a outro sobre as perseguições anti-semitas e que andava assustado por isso. Para tranquilizá-lo e por fé, o ouvinte diz que ele não deveria esquecer que o Povo Judeu era o Povo Eleito. O primeiro, então, conclui dizendo: “Será que já não está na hora de Deus escolher outro povo?”

O humor pode ser infantil, ou ser sátira, crítica social, de costumes, ser franco e alegre ou sutil e reflexivo. Depende do espaço e do tempo em que transcorre: o *humour* e o *wit* inglês (William Shakespeare), o *sprit* e o burlesco francês (Molière), o engraçado espanhol (Cervantes), o racional e o absurdo da Europa Central (Franz Kafka). O humor é saudável e *noir*, é de morrer de rir ou sutil, é inofensivo ou corrosivo, pastelão, moralista ou psicológico. Esta variedade faz com que todos os conceitos sejam insuficientes. Luigi Pirandello (1999) escreveu que o humorista é poeta e crítico e não vê o mundo nu, mas em mangas de camisa: o humorismo consiste no sentimento do contrário. Já Monteiro Lobato o definiu como: “A maneira imprevisível, certa e filosófica de ver as coisas, cuja essência é a imprevisibilidade”.

A palavra humor, no seu sentido moderno, aparece em 1682 na Inglaterra como uma disposição mental ou temperamento. Lord Shaftesbury's em 1709 no seu famoso *Sensus communis: an essay on the freedom of wit and humour* dá o sentido atual da palavra. Voltaire defende que sua origem está no francês: *humeur*, mas Victor Hugo em 1862, reconheceu a palavra como de origem inglesa. Jean Paul, o poeta do movimento romântico alemão, escreve em 1804 *Propedêutica da Estética*, na qual define o humor como um riso filosófico em que o homem compara a finitude do mundo com o infinito da idéia. Neste livro a palavra *witz*, que vem de *wissen* – conhecimento – vai adquirir a nova dimensão de graça, piada. No Oxford Dictionary o humor é definido como a faculdade de se perceber o que é ridículo ou divertido, ou de se expressar através da conversação, da escrita, ou outra forma, a imaginação ou abordagem jocosa de um assunto.

Por isso, a liberdade e a criatividade são decisivas no processo psicanalítico. Ter senso de humor é uma forma de exercer ambas qualidades e por isso ele é um dom precioso. Aliás, em 2007, o texto *Humor* de Freud fará oitenta anos e o mundo psicanalítico tem escrito mais com a tinta da melancolia do que com a pena da galhofa. O psicanalista Heinz Kohut foi um dos poucos que enfatizou o sentido do humor como uma transformação narcisista junto à criatividade, à empatia, à finitude e à sabedoria: “As formas mais profundas do sentido do humor e o narcisismo cósmico não oferecem

um quadro de grandiosidade e euforia, mas antes o de um sereno triunfo interior, com uma certa mescla de melancolia não negada”. O sentido do humor pode ser definido como a capacidade de se aceitar que toda verdade é parcial, e de se poder sorrir de seus defeitos, brincar com a seriedade da sociedade, bem como da morte.

O desenvolvimento do sentido de humor é uma das formas de avaliar a evolução do tratamento psicanalítico. Quem pode melhorar seu sentido de humor em relação aos outros e principalmente a si próprio conseguiu uma mudança substancial. A transformação narcisista implica em diminuir a visão paranóide do mundo, as intermináveis reclamações através do aumento da capacidade de conviver com os infortúnios comuns. A função do analista é a mesma que Sancho Pança tinha com Dom Quixote. Quando queria que este voltasse a razão, dizia simplesmente: “Mire vuestra merced lo que dice senhor.”

Em meu tratamento com Cyro Martins, ocorreu um episódio que vale a pena ser contado por servir de ilustração a tudo que até agora foi dito: eu falava sobre a minha condição de psicanalista, ligado à formação na Argentina, e minha situação de então ao não ter optado pela Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre. Não lembro em detalhes o que dizia, mas em um momento ele disse: – “Porque na nossa sociedade....” – e foi aí que falei indignado, apartando que não era *nossa* sociedade, e sim a dele, e queria ser respeitado como psicanalista independente. Fiquei aguardando sua resposta para continuar a briga, é claro, e foi quando o velho analista disse: “Creio que meu desejo era que tu fosses da minha sociedade psicanalítica, por isso disse *nossa*”. Aí me desarme e sorri, pois ele, ao referir-se ao seu desejo de uma aproximação profissional entre nós, fez com que eu ficasse feliz. Não só me reconhecia, como expressou seu desejo que eu entrasse na sua instituição. Além do que, agora me ocorre, havia a referência à sociedade que já formávamos e que nos levaria inclusive a produzir um livro.

O importante é salientar como uma situação de desconfiança foi resolvida através de uma frase bem-humorada do analista. Cyro fez uma interpretação a si e a mim, de forma descontraída, como se nem estivesse interpretando. Aprendi que o humor era o antídoto das brigas, sempre tão chatas e repetitivas. Para concluir, uma última reflexão que me ocorreu agora: a frase do meu analista “nossa sociedade” pode ter me assustado pela aproximação entre nós, uma aproximação erótica que vivi como perigosa. Fiquei agora com um sorriso, meio gozador comigo mesmo pela descoberta e mais uma vez o humor foi vitorioso sobre a desconfiança e o perigo sexual.

## Referências bibliográficas

- CARPEAUX, O. M. *Meus encontros com Kafka*. Encarte do Caderno Folhetim da Folha de São Paulo. 3/7/1983
- FREUD, S. *Humor*. vol XXI em Obras Completas de Sigmund Freud. Buenos Aires: Editora Amorrortu, 1987, 2ª reimpressão da primeira edição (1979).
- KOHUT, H. Formas y transformaciones del Narcisismo. *Revista de Psicoanálisis 2*, tomo XXVI, abril-junho, p. 371-401. Buenos Aires:: A.P.A., 1969.
- LACAN, J. *Actas del Congreso de Roma*. Buenos Aires: Ed. Letra Viva, 1974.
- LE GOFF, J. *Uma História Cultural do Humor* (org). Jan Bremmer e Hernan Roodenburg. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- PIRANDELLO, L. *Pirandello – Humor*. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- SLAVUTZKY, A.; MARTINS, C. *Para início de conversa*. Porto Alegre: Movimento, 1989.